

EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL

Paulo Freire

Minhas amigas e meus amigos, não apenas de Passo Fundo,ã dias passados, a mais de uma semana, por motivos que transcendem a minha vontade, eu estive próximo a apanhar o telefone e chamar Passo Fundo para desconvidar-me. Às vezes eu venho sendo desconvidado reacionariamente.

Mas agora quase que eu me obrigava, a dias passados, a telefonar à Solange e a pedir desculpas por não vir. Mas ao mesmo tempo em que certas razões de ordem muito privada me empurravam a pensar nesta hipótese, outras razões de ordem política me faziam contornar as razões de ordem mais mais privada e continuar, ou preservar, ou manter a aceitação deste convite, que me foi feito há quase um ano atrás, para vir aqui hoje.

Em certo sentido, eu quase adivinhava, e acho que uma das qualidades, das virtudes de um(a) educador(a) de perspectiva, no mínimo progressista, é de viver, gestar, através de sua prática, a qualidade de quase adivinhar as coisas, de aguçar sua sensibilidade, o sentido das coisas. E quase adivinhando o que faria, tal qual se fez, de se divulgar que a Professora Vanilda Paiva e eu não estaríamos aqui, quase adivinhando isto, eu preferi estar aqui para mostrar como a diretamente.

Mas, e isso eu peço, no começo dessa conversa, dessa tarde calorosa e calorenta que se parece muito com as minhas tardes do Nordeste, que vocês conhecem de perto, eu gostaria de dizer, que em mantendo a aceitação do convite, eu tive, porém, razões privadas, que não cabe aqui expor, eu tive então que aceitar uma fórmula de vir a vocês pela metade, e não totalmente. Significa que eu tive que antecipar a minha volta a São Paulo para hoje e não para amanhã; eu preciso dormir em casa hoje. E essa é a razão pela qual, às 4 e meia eu viajo, e gostaria que vocês me perdoassem, mas às 4 e 25 eu me levanto daqui com eles dois e saímos sem nenhum impecilho para tomar o carro, porque eu preciso tomar o avião hoje de noite.

Depois destas explicações de ordem privada, mas que se tornam públicas, eu gostaria, então, de começar, de introduzir a nossa conversa desta tarde.

Eu gostaria de, mais ou menos, pensar em voz alta num primeiro momento deste encontro, de pensar em voz alta sobre educação popular. Não tanto do ponto de vista histórico, tomando a história como se deu e como se dá, mas tomando a educação popular como eu a entendo, a compreendo, não necessariamente como muitas de vocês compreendem.

Antes de chegar a falar um pouco sobre como entendo a educação popular, me parece, como questão de exigência metodológica, im-

portante ou fundamental que reflexione um pouco, nesse sentido, reiteradamente, porque seria inviável que eu, hoje, dissesse aqui coisas absolutamente diferentes das que disse a oito dias passados - em Rio Grande, quando estive lá falando para um auditório bem menor que este.

Eu não sou homem de gênio e não invento coisas todos os dias. Mas, mesmo reiterando algumas das minhas afirmações anteriores, gostaria de aqui, agora, pensar um pouco sobre alguns aspectos do que eu venho chamado a "natureza da prática educativa", - e depois chegar à educação popular.

Em primeiro lugar, não importa se a gente pensa como pai ou mãe, com o professor(a) de uma pré-escola ou de uma escola de 1º Grau ou de 2º Grau ou de universidade.

Tenho a impressão de que se a gente exercita uma operação que é a de, em certo momento, tomar distância da prática que a gente vive, - que a gente encarna, como pai, mãe, professor(a), se a gente toma distância da prática e se a gente objetiva a prática, se a gente se afasta dela e toma na mão da gente e pergunta sobre ela, o que é - que se dá nessa prática que eu vivo todo dia e da qual agora no meu quarto de estudo eu tomo distância, objetivando-a, de que se dá nela, que possa despertar em uma compreensão menos ingênua dela?

Me parece que, ao fazer isso, um primeiro caráter desta prática se sublinha diante de nós, é que não importa se sou mãe, pai, professor de pré-escola, ou de escola de 1º Grau, 2º ou universitária. Toda vez que me vejo diante da prática que faço, eu descubro que há sempre nela um certo objeto a ser desvelado pelo educando, a ser apreendido pelo educando somente como o educando aprende o objeto. Objeto diante do qual a educadora assume uma posição que é sempre diferente da posição do educando e muito rica porque é a de quem reapreende o objeto no processo de apreensão do objeto feita pelo educando. No fundo, é uma experiência em que a educadora reconhece o objeto conhecido no processo de conhecer o objeto em que o educando se engaja.

Então, vejam bem minhas amigas e meus amigos, não importa que ensinemos Biologia, Matemática, História, Filosofia: não importa que trabalhem com um grupo de pré-escolares, no que se chama de roda, de papo, de leitura da palavra, há sempre na prática educativa um certo conhecimento a ser conhecido, como há, também, sobretudo, em certos níveis dessa prática associada ao nível da pesquisa, a preocupação com produzir o conhecimento que ainda não existe.

Eu espero que com esse calor todo vocês aqueçam essa conversa minha, que em seguida eu paro. É duro, viu, isto aqui está -

sol Recife e para mim está uma beleza.

Bem, parece-me, que seria muito difícil pretender provar o contrário disso, isto é, em toda situação educativa se envolve sempre e um certo objeto de conhecimento a ser conhecido ou reconhecido. Por isso, a gente poderia dizer que a educação, não importa, se popular, se informal formal, é sempre, também, uma certa teoria do conhecimento posta em prática. É inviável não reconhecer isto.

Mas o reconhecimento desta natureza, e agora eu vou dizer um nome muito acadêmico, mas que deve ser dito, reconhecimento desta natureza epistemológica da educação, ou em outras palavras, o reconhecimento da epistemologicidade da educação, que significa a qualidade de epistemológica, de ser uma teoria da educação, posta em prática. Isso na continuidade do processo que estou propondo, do exercício que estou propondo e me propondo, de tomar a nossa prática na mão e perguntar sobre ela. Neste momento exato, em que percebo essa natureza que envolve o ato de conhecer e que faz parte da prática educativa, eu me obrigo, imediatamente, a iniciar uma série de perguntas que são fundamentais, ou até diria a vocês todos, que acho que uma das coisas que a gente precisa aprender ou resgatar, é o ato de perguntar, eu diria que a nossa educação vem sendo, sobretudo, uma pedagogia da resposta, cuja pergunta fundamental se perde na história.

O professor entra no primeiro dia de aula do ano e começa a responder aos alunos perguntas que eles nunca fizeram. Porque foram feitas por alguém a 200 anos atrás. Eu insistiria neste exercício, em propor algumas perguntas, de tal maneira que mesmo que vocês estejam neste primeiro momento, em silêncio, entrem na intimidade mesmo do movimento do meu discurso e se apoderem dele, refazendo-o em vozes. Toda prática educativa implica uma certa teoria do conhecimento posta em prática. (Eu disse uma certa teoria, porque há teoria e teoria do conhecimento.)

A primeira pergunta seria, se toda prática educativa implica isso: quem conhece, então na situação pedagógica? E nós temos hipóteses diferentes de respostas. Uma resposta poderia ser: "quem conhece na situação pedagógica é o educador ou é a educadora". E eu perguntaria: e o papel dos educandos? E a pessoa que me tivesse respondido anteriormente me diria: "Os educandos recebem a transmissão do conhecimento do objeto que o educador faz". Eu não preciso dizer que eu não aceito esta resposta. É interessante ver como esta resposta coincide com a definição ingênua de educação, que a gente encontra em certos livros de filosofia, que dizem: "A educação é a tarefa atra

vés da qual a geração mais velha transfere às gerações mais jovens os valores da cultura." É uma resposta tradicional, reacionária, autoritária. É quase a histórica.

Para mim, a questão não é bem essa e aí eu já começo a entrar numa briga gostosa. Quem conhece a prática educativa de um lado é a educadora, do outro, é o educando. O que passa é que se supõe que a educadora, pelo fato mesmo até de ter chegado ao mundo antes, deve ter tido uma experiência intelectual no trato do objeto de sua disciplina, que precede a experiência do educando. Mas isso não significa que o educando possa comparecer a seu curso como mero recipiente da transferência da sua sabedoria, porque o que o educando tem que fazer, no meu entender, para poder conhecer é, primeiro aprender o objeto, memorizá-lo porque conhecer, porque o conhece.

O papel do educador de maneira nenhuma é igual ao do educando, evidentemente, que me parece uma demagogia, por exemplo, dizer que o educador e o educando são iguais; é demagógico isto, não é eles não são iguais. Mas a diferença que há, necessária, entre ambos, não justifica a exacerbação desta diferença, criando-se, a partir dela, um antagonismo entre a autoridade necessária do educador e a liberdade fundamental do educando.

Uma outra pergunta que se coloca, na continuidade desse exercício é: que é conhecer? É uma pergunta que tem que ver com a teoria do currículo, com a delimitação do objeto do conhecimento, com a delimitação dos objetos dos itens do programa e não só do programa, mas da própria estruturação da vida dentro da escola, por isso que eu falei que ela é mais ampla, ela é uma pergunta curricular. Quem decide o que deve ser conhecido? Aí é que é a pergunta fundamental, evidentemente, que uma vez mais nós temos aí hipóteses diferentes de resposta. Eu não nego, de maneira nenhuma, a responsabilidade que a educadora tem nisso, que é uma responsabilidade social, eminentemente política e não só pedagógica, com relação à escolha de uma temática fundamental que deve ser tratada rigorosamente pela geração jovem que chega. Mas o que me parece impossível é decretar a absoluta ignorância delas. É decretar absoluta inocência das massas populares, por exemplo, agora no campo da educação popular, em nome da supremacia quase ontológica, metafísica, da rigurosidade científica.

Evidentemente que eu jamais, renunciando a impor um programa, eu jamais pensei que não devesse propor programas, mas há diferença fundamental entre não impor e deixar de propor ou propor. Para mim - o erro está, em criticando a imposição, negar a proposição: isso sim, é que seria espontaneísmo. Negar a imposição, em nome do que eu chamo "radicalidade democrática", que independe de si, se é burguês ou soci

alista. Uma pergunta que se impõe, eu acho, à educadora, é a seguinte: "conhecer a favor de que, e portanto, contra que, conhecer a favor de quem e contra quem". E observem como deste a primeira pergunta a gente começa a perceber que as respostas a estas perguntas não são especificamente epistemológicas, ou melhor, não se situam na esfera estrita da teoria do conhecimento, nem tampouco na esfera estrita da pedagogia. Esta de agora, por exemplo, acaba de esclarecer quem responde a ela é exatamente a política. Quando eu me pergunto, por exemplo, a favor de quem eu conheço, contra quem eu conheço, a favor de quem, contra quem eu conheço, e portanto, a favor de quem e de quem, contra quem e contra quem eu trabalho em educação. Eu estou, obviamente, no campo político, eu preciso esclarecer, são perguntas que eu não posso deixar entre parêntesis, e elas todas têm que ver com o meu sonho como educador, e o meu sonho não é só pedagógico, ele é substancialmente político e adjetivamente pedagógico.

No momento que o educador, no exercício que eu proponho, vai pouco-a-pouco, aclarando a sua prática e chega a essa altura ele percebe que é impossível pensar a educação sem pensar a questão do poder, que é impossível admitir que a educação seja um que fazer neutro ou tecnicamente neutro, precisamente porque a educação se apresenta à luz das perguntas radicadas na própria prática e não nos livros. A educação se apresenta com uma radicalidade política, que faz com que sua natureza mesmo seja política. É a essa natureza política da educação que eu chamo de politicidade da educação. Quer dizer, a qualidade que tem a educação, de ser política e por isso de não poder ser neutra. É interessante, às vezes eu gosto de fazer um exercício que é muito meu e que devia ser de quem me critica, que é o exercício de me reler, de me acompanhar desde o começo até hoje, e eu vejo nesse exercício, como por exemplo, nos primeiros momentos da minha prática e da minha experiência de pensar a minha prática refletida nos textos que eu escrevi, com suas ingenuidades indiscutivelmente, e se eu só fosse crítico até hoje, eu não era Paulo Freire, era um outro cara. Mas Paulo Freire, esse cara que eu conheço, é um sujeito comum, que nunca pensou em ser um gênio e nunca pediu a ninguém para cultuá-lo. Eu nunca pedi a ninguém para me cultuar, eu brigo até. Mas bem, eu vejo, então, nas minhas releituras, como houve um momento, em que eu não falava sequer empolítica na educação. O meu primeiro livro é um exemplo bem flagrante dessa ingenuidade, houve um segundo momento em que avancei mais e esse momento se deu exatamente no contexto do exílio, que necessariamente me radicalizou e me ajudou a superar algumas ingenuidades, houve um segundo momento em que avancei mais; esse momento se deu exatamente no contexto do exílio, que necessariamente me radicali-

zou e me ajudou a superar algumas ingenuidades anteriores. Num segundo momento, eu falei num aspecto político da educação; eu hoje - falo na politicidade da educação, quer dizer, eu hoje falo na qualidade que tem a educação de ser política, precisamente como a um educabilidade no ato político que explica que o ato político seja também pedagógico.

A esse propósito, inclusive, eu creio que é interessante, chamar a atenção à um estudo recente do professor Dermeval Saviani, quando ele, tomando essa questão da educação como política, da política como pedagógica, ele diz isso muito bem, mas na verdade, não basta, é preciso, diz Saviani, alcançar-se a especificidade do educativo e do político. A especificidade do educativo é o convencer e a do político é o vencer".

Agora, eu retomaria, o Professor Saviani para dizer que não é isso também ou não é isso. Prá mim, quando analisamos o político, pelo menos até agora, 1984, como pode ser que daqui pro ano que vem a coisa mude, como outros estudos do próprio Saviani. Prá mim há uma tal intimidade, um tal compromisso entre as duas naturezas, a natureza do político e a natureza do pedagógico que faz com que, ao pensar - que aprendemos a especificidade de um, nós caímos de novo no outro. - Vou tentar explicar, pelo menos, como eu vejo isso. Evidentemente que uma professora ou um professor que trabalha um semestre, um ano, com um grupo de estudantes, não importa se não graduação, na pós graduação, na escola de 1º Grau, não importa, evidente que qualquer um de nós, ao trabalhar com um grupo de estudantes de Língua Portuguesa - por exemplo, Biologia, Filosofia da Educação, não há dúvida nenhuma de que a gente está empenhado em convencer os educandos em torno ao que nos parece ser acertado.

Se não fosse assim olha, eu digo a vocês, se o professor que não tem nenhum interesse de convencer o educando do acerto de suas - teses, pelo amor de Deus, arranje outro emprego, porque não dá. Eu compreendo que não possa arranjar outro logo, que a crise é grande, o que não pode é continuar, porque a contradição é grande demais. Quando a gente é professor é porque a gente está convencido de que a gente - precisa de convencer. Agora, o que eu quero dizer, porém, é que não há - convencimento pelo convencimento. O convencimento é a mediação da - vitória fora do contexto da escola. O que eu quero, quando discuto, por exemplo, a impossibilidade de, numa sociedade burguesa capitalista - de classe, se fazer uma pedagogia e de se viver integralmente uma - pedagogia que liberte, quando eu digo isso, o que estou querendo dizer ao tentar convencer o educando disto, é que fora daí, do contex-

to da escola, ele se insira numa luta política maior, para que engra-se as fileiras dos que combatem o sistema capitalista, é isso que eu quero. Então não há convencimento pelo convencimento, mas no momento que eu pretendo, pelo convencimento, chegar à vitória, a especificidade da educação penetra no campo político, de novo. Mas o mesmo se dá quando o líder político vem à praça pública, que é o seu grande contexto de seminário, quando ele vai a um canal qualquer - televisão, um meio de comunicação, e ele luta para defender sua tese.

No momento em que ele está envolvido na necessidade de vencer politicamente, de objetivar as teses que ele traz, essa vitória política passa pelo convencimento das massas populares, se ele é um líder revolucionário de índole democrática. Se é uma liderança de direita, a vitória que propõe passa pela manipulação das massas populares.

O que parece ser específico do político corre de novo para o campo do educativo, quer dizer, eu acho normal isso, é que há uma tal interrelação entre as duas naturezas, que a não ser que estudos pesquisas e reflexões maiores cheguem um dia a encontrar o mínimo - é claro que há pormenores. Gente que está ensinando  $4 \times 4 = 16$ , é diferente de um líder político mas até aí, há uma maneira de compreender o multiplicar, dividir, diminuir na sociedade capitalista e na sociedade burguesa.  $4 \times 4$  é 16 aqui como em Cuba, mas a multiplicação em Cuba, do ponto de vista social não é igual a uma sociedade capitalista. Aqui, a burguesia acrescenta ao seu poder o que diminui da classe proletária, através da mais valia, multiplica o seu poder pela diminuição e pelo esmagamento da capacidade produtora das classes populares, quer dizer, até aí a gente tem que ver como é.

Agora vejamos, um outro passo mais adiante, aí eu paro e a gente conversa.

Se isso é uma verdade, se essa politicidade da educação é inegável, me parece que há uma conclusão a que ninguém pode fugir, que é a seguinte: a educadora é política, enquanto educadora. O educador é um político enquanto educador. Num parênteses, eu gostaria de deixar aqui o meu veemente abraço a vocês todos, professores e professoras deste Estado que vêm levando a sério, corajosamente, a tarefa política que cabe aos organismos de categorias nesta sociedade brasileira de hoje, desenvolver a tarefa política que deve ultrapassar os limites da política que já há na reivindicação social. Indiscutivelmente que brigar para exigir salários menos imorais é já um ato político, mas é preciso ultrapassar esse limite e brigar também por melhores condições de trabalho como educador, é preciso brigar, não para fazer reforminhas de cafiaspirina, de emplastro no sistema es-

colar,mas para dar a ele,exigir dele,uma dimensão que necessariamente a política reacionária nega.

Eu felicito vocês do Rio Grande do Sul,de Santa Catarina,de São Paulo,para citar só esses três estados onde os organismos de professores se empenham em luta e lutam intensamente.Um encontro como esse é bem uma prova disso.

Mas,voltando à coisa,no momento em que a gente como educador se reconhece político também.Eu acho,então que cabe uma nova pergunta que tem que ver com aquela primeira que eu me referia ou que eu citava e que dizia em favor de quem,quer dizer,cabe a nós indagar sobre o sonho político nosso.O sonho possível e que,mesmo sendo impossível,precisa porém, ser possibilitado.

Eu não sei se está claro,quer dizer,o sonho é possível,eu não tenho nada que esconder a ninguém,eu sonho por uma sociedade socialista realmente,mas esse sonho não se realiza se não se trabalhar no sentido de realizá-lo;é nesse sentido que estou dizendo o sonho possível que precisa,porém,ser viabilizado,que precisa ser possibilitado.

E essa pergunta, que é fundamental para mim também,coloca senão outras perguntas ,mas coloca buscas e centralmente uma busca que seria a seguinte: a procura de aproximar tanto quanto possível, a explicação verbal do meu sonho,com a minha prática,através da qual eu procuro viabilizar o meu sonho.No fundo, é isso que a gente chama de coerência,quer dizer, é preciso um mínimo de coerência entre o discurso que verbaliza o sonho e a prática que explicita ou que procura materializar o sonho.

Evidentemente,que no mundo,ninguém conseguiu juntar os dois iguaizinhos, é impossível uma coerência absoluta e eu até diria a vocês que seria profundamente incômoda e antipática uma existência totalmente coerente.E eu confesso que achava chato pra burro,todo dia eu ser igual,não ter nenhum momentozinho de tentação ,de pecado,eu acharia isso horrível. Eu estou dizendo isso de brincadeira,porque eu não acredito muito em pecado.Os pecados que estão por aí são virtudes às vezes, Mas ,evidente que eu não quero um negócio absoluto,não existe isso.O que estou dizendo é que há limites para a incoerência.Eu não posso compreender,e digo a vocês, eu entendo que haja muita gente,mas,em mim é inviável, por exemplo,defender uma revolução sem as massas populares,defender uma transformação radical ou sonhar com uma transformação radical da sociedade burguesa para a criação de uma sociedade socialista feita apenas por minorias intelectuais,que ganharam a sabedoria rigorosa na Universidade e que desprezam o saber comum como -

impossível de transformar. Eu não posso conciliar um sonho de transformação do mundo com um procedimento autoritário na minha classe como professor, eu não posso conciliar o meu sonho de libertação com a ironia que eu faço a um estudante porque me fez uma pergunta que eu considere bobas; pra mim não há perguntas bobas, nem há respostas bobas, nem há respostas definitivas. Há simplesmente perguntas que precisam ser respondidas. No fundo, eu acho que muito professor tem medo não é nem da pergunta, tem medo da resposta que deve dar e por isso dificulta a pergunta. Essa coerência que não é uma coerência de santo, é essa coerência mínima que um educador, enquanto político e um político enquanto educador, tem que ter em função dos seus projetos e dos que não são seus, só seus.

Viver essa coerência demanda algumas virtudes ou a concretização de algumas qualidades, que a gente também não recebe de presente, mas que a gente cria na própria prática de buscar a coerência. Por exemplo, a humildade de encarar o real, o concreto, para interpretá-lo, a humildade de aprender com o outro e não apenas de querer sempre, todo dia, ensinar o outro. A tolerância, que não é uma virtude apenas dos liberais, mas que deve ser uma virtude dos revolucionários, que no fundo, significa viver com o diferente e obviamente, com o igual, para poder brigar com o antagônico.

De um modo geral, há entre nós uma intolerância entre diferentes, enorme, enquanto o antagônico pode dormir em paz.

Diante da inviabilidade de se ter uma educação que fosse ou pudesse ser neutra, por isso mesmo então, ou a educação, enquanto sistema de um sistema maior, ou enquanto sub-sistema, é reprodutora da ideologia dominante e essa é a tarefa que a educação sistemática recebe (com aspas) do poder, que é exatamente a de reproduzir a sua ideologia e a questão que se coloca é saber se há ou não, no espaço institucional, a possibilidade de contestar a tarefa fundamental que o sub-sistema educacional tem de reproduzir a ideologia dominante e essa tarefa existe e esse espaço existe, mas obviamente, que não pode ser tarefa do educador que opta pelo processo de reprodução da ideologia dominante. A tarefa de contestar o processo de reprodução da ideologia dominante é a tarefa daqueles cujo sonho político é o da transformação da sociedade burguesa numa sociedade socialista. Essa tarefa é muito mais difícil de ser cumprida do que a tarefa de quem reproduz. Quem reproduz, consciente ou inconscientemente, nada a favor da maré. Quem contesta a reprodução, nada contra a maré. Observem o que significa nadar a favor e contra a maré. O poder boatou que a professora

Vanilda e eu não estaríamos aqui, porque exatamente aqui, o que fizeram os que antecederam a professora Ivanilda Paiva e a mim, o que fazemos nós é exatamente contestar o poder reprodutivo da ideologia dominante no sistema escolar.

Então, é muito mais difícil fazer isto, contestar a reprodução do que reproduzir e quem reproduz usa de todas as artimanhas no sentido de manipular.

Muito bem, é claro que nos anos 70 se desenvolveu toda uma teoria da reprodução ideológica que foi muito mecânica, e houve um período de tempo, nos anos 70, em que se pensou, se disse, que não era possível, de maneira nenhuma fazer a educação popular ou pôr o sistema de educação oficial a serviço dos interesses das classes populares.

E se afirmava isso, prá mim, de forma ingênua e mecânica e eu quero fazer exceção a um professor brasileiro, professor Celso Baisiguel, eu estava no exílio mas eu lia os seus trabalhos e ele nunca aceitou isso.

É interessante observar que na década de 80, agora que a gente começou a viver, se mudou de novo, muita gente que disse que era absolutamente inviável fazer qualquer coisa no Brasil, dentro do âmbito da escola durante o período, também não era muito para ter esperança, quem viveu as experiências do presidente Médici, que não se mede (palmas), não podia chegar muito facilmente a outras conclusões.

Mas o que acontece agora, na década de 80 com a vitória de alguns governos de oposição, é que não podemos deixar de ocupar o espaço vital para cumprir a tarefa política. Desde que a gente tenha claros os objetivos, não há porque não fazer.

Muito bem, diante dessas indagações ou reflexões, eu agora diria a vocês que, partindo dessa inviabilidade óbvia de que é impossível uma neutralidade educativa, e portanto, educação pode ser opressora ou libertadora, eu diria que a educação popular só o é na medida em que ela explicita, vive e persegue um objetivo de transformação, de ruptura com o estado burguês capitalista, essa é a minha posição, não necessariamente a dos outros, e se encaminha no sentido de um sonho e transformação da sociedade para um projeto socialista.

Em outras palavras, prá mim, a educação popular é aquela que está a serviço dos interesses reais das classes populares, mas que em estando a serviço dos interesses reais das classes populares - tem nelas também, sujeitos desta educação e não meras incidências da educação popular feita pelos intelectuais, ou pelos educadores.

Então, é uma educação que implica, que não significa, por exemplo, um simplesmente estar a favor dos pobres, isso é pouco demais, quer dizer, o que traduz a educação popular, não é um voto de solidariedade paternal aos pobres, mas o que sela um projeto de educação popular é o seu compromisso radical de transformação do mundo.

Agora vejam, isso implica métodos, caminhos, conteúdos, e isso não significa que quem está envolvido num projeto como esse não tenha e não deva ter a consciência dos limites da sua própria prática, limites que são históricos, políticos, ninguém transforma o mundo na cabeça, a cabeça não é o lugar em que as transformações históricas da sociedade se realizam, é na sociedade, na práxis política, que a gente transforma realidade. Não resulta também, decretar que a realidade está desta ou daquela forma e montar um esquema de ação para a realidade que a gente descreveu na cabeça da gente porque a ação não funciona, por isso mesmo é que eu acho que sem comunhão com as massas populares, sem comunhão com elas, sem sintonia com elas, sem o aprendizado diário que aqueles e aquelas que, por sua posição de classe sem culpa deles e delas, não são da classe proletária mas estão aderidos ao esforço de transformação do mundo, eu acho que o papel de quem assim se acha, é aprender diariamente na própria prática como intensificar a sua comunhão com as massas populares. No fundo, é desenvolver a sensibilidade das coisas que Gramsci fazia referência, no sentido de juntar a sensibilidade dos fatos, essa quase adivinhação que a gente desenvolve, essa intuição, na medida em que a gente realmente convive com essas massas populares e não só com os livros, mesmo que seja importante essa convivência com os livros, mas só na medida que você se contagia, no melhor sentido desta palavra, com os sonhos populares, com isso que eu venho chamado de "manhas dos oprimidos", eles expressam, através da sua linguagem e através do seu corpo, é na medida em que eu, mais do que intelectualizado as manhas e a cultura dos oprimidos eu as sinto, ou, na medida em que eu sinto e compreendo, portanto, ponho juntas a compreensão e a rigorosidade que eu devo ter alcançado nos meus estudos, eu junto essa rigorosidade à sensibilidade que a massa popular me ensina, só quem me ensina é ela mesma. Agora, evidentemente, que prá mim, eu vou falar só em dois ou três pontos mais, eu acho que quando a gente faz essa opção, a gente precisa, tanto quanto a gente possa praticamente, diariamente, a gente precisa evitar um sem número de tentações que a gente recebe. Por exemplo, a tentação de sublinhar permanentemente a teoria contra a prática das massas populares, ou o contrário, a tentação de reduzir tudo só à prática nas áreas

populares e não aceitar a contribuição de intelectuais que nunca foram a um c6rrego, em acho que essas duas tentações nos levam a caminhos errados: de um lado, o perigo de voc6 virar elitista - pelo trato exclusivo do que lhe parece ser o te6rico e rompe com a prática, do outro, o perigo de voc6 romper com a teoria e passar a considerar todo o esforço acad6mico como desnecessário e ridículo e aí voc6 cai no basismo, que também errado. Eu acho que nem o elitismo nem o basismo resolvem e nos ajudam a nada disso.

Na primeira hipótese, eu tenho visto muito isto, o intelectual que durante muito tempo, inclusive seriamente, estuda o que - Marx, Hegel, Gramsci, e lá um dia, por insistência de alguém, ele vai a uma área periférica de sua cidade, chega lá, descobre em 10 minutos que ele fica cheio de dedos e de palavras porque não tem palavra, ele não sabe comunicar-se. O risco que corre aí é ser simplista, e prá mim, quando ele é simplista continua elitista, porque o que tem que ser é simples, mas nunca simplista. Então, esses riscos, que a prática da gente vai ensinando. Agora é claro, só não é possível superar esses riscos quando a gente só conhece o endereço ou o caminho entre o apartamento da gente e o salão do seminário da Universidade, não dá mesmo! Não dá prá superar essas tentações. Mas quando a gente, além do endereço da Universidade, que é fundamental, quando a gente tem outros endereços, o caminho para ir a outros lugares termina ensinando a gente como é que a gente pode ser simples falando com o povo, sem ser simplista.

Eu me lembro, eu vou contar a vocês, porque eu achei lindo, eu, o a no passado, estive conversando em São Luiz do Maranhão, com um grupo de intelectuais que trabalhavam em áreas populares camponesas e nós estávamos exatamente falando sobre certas diferenças na linguagem, ou entre a linguagem do intelectual e a linguagem das classes populares, o problema da sintaxe, da semântica, são diferentes, o papel que tem o conceito entre nós, o papel que tem a metáfora na linguagem popular, e de repente, é coisa que os intelectuais, às vezes, não se pensam, a não ser os lingüísticas noutro ângulo, não nesse, de repente, um deles me disse: "Paulo, eu estive numa reunião, com um grupo de camponeses e fui três vezes seguidas, tentando uma aproximação e falava, conversava, na quarta tentativa de encontro, houve um silêncio durante um tempo em que falei, e um camponês, finalmente, falou e disse o seguinte: "Moço, eu queria te dizer uma coisa, se tu pensas que tu vens aqui ensinar a nós como se derruba o pau da árvore, não precisa, porque nós já sabemos, o que queremos saber, é se tu vais estar aqui na hora do tombo do pau." É exatamente isso que tem muito intelectual que não de jeito nenhum, estar na hora do tombo do

pau. Mas é preciso estar, pra poder aprender como é que se defende do pau tombado, senão não aprende. E então, nessa mesma reunião, uma outra pessoa me contou que num seminário de avaliação entre camponeses e intelectuais, um camponês disse: "Não vai dar prá gente continuar com esse diálogo porque, enquanto vocês aí (e o aí dizia já bem a diferença) estão interessados no sal, nós aqui estamos interessados no tempero e o sal é somente parte do tempero." Então, vejam com linguagem metafórica, simbólica, o que o camponês dizia aos intelectuais, é que eles estavam perdendo uma visão totalizante da realidade caindo numa visão fatalística da realidade e os intelectuais, num primeiro momento, não entenderam o discurso do camponês.

Então, minhas amigas e meus amigos, eu repito que as coisas que eu digo, eu digo porque eu vivi fatos que me levaram a dizer as coisas que eu digo. E não digo de jeito nenhum, que as coisas que eu digo são as coisas que devam, necessariamente ser ditas. Mas não as coisas que eu devo dizer. Que eu acho que devo escrever. Mas eu assumo as coisas que digo, com humildade, sem nenhuma vacilação, tampouco, nenhuma de pretensão de pensar que fiz muita coisa. Eu acho que estou fazendo alguma coisa que satisfaz a mim enquanto gente, mas não que eu pense que essa alguma coisa é uma coisa extraordinária, mas também não é uma coisa desprezível, não tem o seu valor relativo no processo de que nós todos fazemos parte. Eram considerações assim, prá não demorar mais, que queria fazer a vocês. E agora temos aí um bom tempo para conversar:

#### DEBATE

PLENÁRIO: \_ Prof. Paulo, em suas obras, freqüentemente, aparece a palavra epistemologia. Gostaria que o Sr, resumidamente, tecesse algumas considerações a respeito. Em segundo lugar, gostaria que o Sr. tecesse algumas considerações sobre opção política, pois, os professores, muitas vezes, diante da coerência não sabe se posicionar por medo, desconhecimento ou omissão. Em terceiro lugar, gostaria que o Senhor falasse alguma coisa sobre a educabilidade do partido e no partido qual é a sua opção partidária.

PAULO FREIRE: - Bem, vou começar assim, de trás para frente, eu gostaria de, falando sobre a questão do partido, eu gostaria de dizer o seguinte: em primeiro lugar para mim o educador é político pela própria natureza política de sua prática, cedo ou tarde. O ideal que o educador se insira numa prática partidária em que ele, a dimensão política ou a natureza política da própria prática pedagógica. Para mim, porém, o fato de não ser neutro, o fato de ser político, porque -

educador não pode levar, e digo mais ainda, o fato de pretender e de buscar até convencer o educando do acerto de minha análise - não me leva, de maneira nenhuma, a restringir o espaço e a voz do educando porque não pertença ao partido a que eu me filiei: esse é um pormenor que eu acho fundamental. Eu me lembro que uma vez dei dez a um texto com o qual eu discordava totalmente, do ponto de vista político. Agora, por exemplo, que eu explicito a minha - filiação, eu gostaria, não há porque não expressar isso, mas o que eu gostaria, mas o que gostaria, nós vivemos numa sociedade tão - intolerante, que tem um ranço tão anti-democrático, que eu me vejo obrigado a dizer o que vou dizer agora, eu vou dizer a todos vocês que estão aqui, e todas que estão aqui, que não concordo com - minha, posição partidária, que eu os respeito e as respeito. mas - não posso esconder que sou um membro não muito bacana, mas um - militante razoável do Partido dos Trabalhadores (Palmas).

Só estou falando isso porque ele me perguntou e eu acho que toda a pergunta tem que ser respondida, até quando é provocadora e que não o caso. Mas eu tenho total respeito por quem não fez esta opção, nem eu vim aqui tentar ver se mudo a opção de - ninguém desse encontro, de forma nenhuma. Eu sou PT por "n" razões, inclusive por esta radicalidade democrática. Eu sou PT porque o - PT é uma das coisas novas, eu não diria melhor, de jeito nenhum, - mas é um fato novo na história política desse país. Porque é a primeira vez que, na história política desse país, um partido de - trabalhador surge das classes trabalhadoras sem uma minoria de - intelectuais se decretando vanguarda dos trabalhaores, quer dizer, eu acho que esse fato novo me fez aderir o PT.

Sobre a epistemologia, toda vez que eu uso essa palavra, eu uso sob um sentido mais restrito, que tem que ver com teoria do - conhecimento.

**PLENÁRIO:** - Prof. Paulo manifesto-lhe o carinho do Rio Grande do Sul, porque o Senhor viu, há oito dias atrás, em Rio Grande e hoje em Passo Fundo, isso é realmente a manifestação de carinho dos gaúchos para com o Senhor e o reconhecimento da sua liderança. Considerando que há uma luta, o povo quer mudar, mas há uma luta - em ir ao colégio Eleitoral, não ir ao colégio Eleitoral, porque isso implica numa contradição ou não e admitindo que o meu sonho - seja socialismo porque acredito que o socialismo está mais perto do cristianismo (eu sou cristão) do que o capitalismo. Sendo este - o meu sonho, de que forma o Senhor aconselharia, como prática: uma mudança gradual ou uma mudança radical, lutar por isso que eu acredito desesperadamente s/ caminhos, mas lutar apenas com isso como

meta, ou fazer mudanças gradativas? Eu gostaria de uma observação a respeito.

PAULO FREIRE : - Eu acho essa pergunta, em primeiro lugar, essa - não é uma pergunta abstrata, é uma pergunta profundamente histórica, quer dizer, é uma pergunta histórica, no caso brasileiro de hoje, não é uma pergunta que vá se fazer noutro campo igual a essa, ou melhor, pode-se fazer noutro sítio, a resposta não pode ser - igual, nem sempre, e houve momentos em que essa pergunta foi feita na Nicarágua e a resposta foi outra porque pode ser outra. Não é - o caso brasileiro, não acredito que a gente tenha outras respostas, eu acho que das qualidades que um homem e uma mulher de esquerda devem revelar é essa possibilidade de suar a história, adivinhar, Ora, evidentemente, eu acho que nós estamos em um momento e parece que nunca teremos vivido tanto no Brasil como hoje, uma espécie de vontade de encarnar a democracia, quando eu falo em de mocracia, não estou falando em democracia burguesa, democracia dis so, democracia daquilo, o que há a inexperiência do brasileiro - nisso, o ranço autoritário do país é tal que a democracia é sempre vista no Brasil como adjetivo e nunca em sua substantividade, aliás, eu queria, num parênteses, sugerir a vocês a leitura de um livro que saiu em São Paulo, exatamente há oito dias que já se esgotou a - primeira edição, que se chama "Porque Democracia" do Francisco - Weffort, que é - secretário executivo do PT -, e que está sendo chamado por alguns democratas aspiados, de social-democrata, etc; você o ranço contra a democracia nesse país, quanto à substantividade - democrática é terrível, você fala em democracia, o outro já está - assim cutucando o adjunto e dizendo está vendo já caiu na social - democracia, ou, está vendo, como ele é populista, quer dizer, não dá, evidentemente, que no momento a gente está vivendo isso, a possibi - lidade de cunhas dentro do processo. Agora, se a pergunta do nosso amigo teria que ver com saber de mim, a posição do partido a que eu pertença está claro, todo mundo sabe aí, mas pode querersabe a minha com a relação ao chamado Colégio. Uma das coisas boas do PT é a - gente poder discordar do PT, sem nenhum problema de levar carão, não tem medo que venha uma caderneta com letra encarnada em casa "O Pau - lo se comportou mal". Eu tenho uma posição parecida com a posição - até hoje aceita pelo PT, é diferente em grande parteda posição do - meu amigo, companheiro, deputado, líder do PT em Brasília Soares. A - minha posição é a seguinte: PT foi às praças públicas, às ruas, - durante a campanha das diretas, não porque pretendessem conseguir - um cacique prá depois transar com poder de cima para baixodizendo,

"os senhores viram o povao que veio, vamos fazer acordos agora de cima prá baixo". O PT não foi lá prá isso, o PT foi porque radicalmente não concebe democracia sem povo. O que está acontecendo nesse país e que tem muito democrata para quem a democracia se estraga seu povo chega. É como alguns professores, também, que acham uma beleza dar aulas desde que não haja aluno (risos).....

Sobre o colégio Eleitoral, o PT diz, não vou lá. Agora, qual é a minha posição? Minha posição seria o seguinte: se, e daqui para lá vai se saber bem, se Maluf ganha por dez votos, não tem porque irmos ao Colégio, se Maluf perde por seis, também não porque ir lá. Em última análise eu acho que o PT só devia ir ao Colégio no caso em que Maluf pudesse ganhar, porque eu acho que, até numa análise de classe eu distingo o Maluf de Tancredo, Tancredo é um homem da classe dominante, um liberal conservador, aliás, em entrevistas ele revela o seu conservantismo, o seu realismo, com aspas de que Cuba, por exemplo, é exportadora da revolução, por tanto não se pode reatar relação com Cuba, de que a teologia da libertação é uma coisa ruim, porque não é teologia, é uma ciência social, quer dizer, são declarações, e cá prá nós, que deixam muito a desejar. Mas eu estabeleço uma radical diferença e essa diferença faz a diferença, entre o senhor Tancredo e o senhor Maluf. Maluf é uma espécie de "lupen" da burguesia e Tancredo é um homem da burguesia, mas Tancredo é um liberal conservador. E é um homem sério, a gente sabe de antemão, ele já disse como ele pensa sobre Cuba, não tem que esperar outra coisa, vai continuar dificultando cubano de entrar aqui, tudo isso. Mas, indiscutivelmente, prá mim, esta diferença mínima faz a diferença no período de transição, então se fosse fundamental o voto do PT, o PT devia dar o voto, mas, não tinha que pedir coisíssima nenhuma, nem fazer acordo, nem aceitar nada.

O PT não precisa ter nem Ministro, nem Delegado de Polícia, cumpre a tarefa e continua lutando cá, independentemente, porque eu também tenho a impressão de que muita gente que reclama porque o PT já não decidiu, é porque se encontra incomodada de estar sem nós. Precisa de alguém que cheque para coonestar a posição de ir ao Colégio Eleitoral. Mas vejam bem, esta é a posição de um puro militante de partido que não interfere nos destinos do partido, a não ser como militante. Essa é minha posição, que eu digo de público, porque disse numa conversa íntima com o Lula, assim é o que eu penso.

PLENÁRIO: - Prof. Paulo Freire, dentro da colocação de educação popular, como o senhor coloca a preocupação dos termos de educação popular, a questão ecológica, o problema da fome, da criança ter condições de aprender nos meios e como tem-se usado o homem como instrumento para explorar o meio ambiente, a natureza?

PAULO FREIRE:- Eu acho que esta questão tem dois pontos, ele pergunta quanto a questão da educação popular e fome e educação popular e meio ambiente. O homem e a exploração do meio ambiente, a política - do meio ambiente.

Eu gostaria de dizer a vocês, com relação a essa segunda questão. Nos anos 70, quando eu estava ainda no exílio, movimentos feministas, de defesa do meio ambiente, começavam a ganhar força nos EUA, na Europa, e eu me lembro de alguns amigos com quem eu conversava, de esquerda também, que em certo sentido não apostavam nada nesses movimentos porque diziam que a luta das mulheres, por exemplo, não estavam com o porte de classe, de luta, de classe, a luta dos ecologistas; que essa coisa estava fora da ótica da luta de classe.

Eu dizia "olha, eu acho que vocês estão errados", sabe, em primeiro lugar, indiscutivelmente, seria um absurdo uma miopia trágica não pretender reconhecer a questão não é nem sequer de inventar uma luta de classes, é simplesmente reconhecê-la, esta aí, e foi isso que Marx disse numa de suas cartas, disse: os economistas burgueses me antecederam, me precederam na constatação da luta de classe. O que fiz, diz ele, foi etc, etc:.. Mas acontece o seguinte, sem a compreensão da luta de classes me parece difícil entender essas coisas, mas a luta de classes sózinha também não explica tudo. eu acho que é essa ótica - que às vezes falta numa perspectiva mais estreita, mais sectária dos fenômenos, e a ciência não está aí para ser distorcida. Acontece que nos 10 anos de luta desses movimentos, se a gente olha a França, por exemplo, eu não sei se bem ou mal, não quero discutir o acerto ou desacerto, os ecologistas trouxeram um milhão e quinhentos mil votos durante a campanha do François Mitterand, e derrotaram a direita, caíram num socialismo que é o possível de lá. Os "Verdes", na Alemanha, - há um ano atrás ou dois, fizeram mais ou menos o mesmo, Eu até diria - que um dos problemas que a ciência política, também os educadores, os políticos, os militantes, teria que encarar neste fim de século, é exatamente, a do papel dos movimentos populares sociais neste fim de século.

Ligado ao papel fundamental não própria e exclusivamente da tomada do poder, mas dá reinvenção do poder.

Esse é um fato absolutamente fundamental, importante e digo mais na medida em que partidos populares e não populistas, deixarem de se aproximar dos movimentos sociais populares para, aprendendo com eles, ensinar algo a eles sem nunca pretender se apoderar deles, na medida em que os partidos de esquerda, populares e não populistas não aprendam a fazer isso eu acho que eles são postos entre parênteses, de escanteio, desse fim de século.

A questão é saber como. Implica toda uma metodologia de aproximação, implica toda uma compreensão da cultura das massas, implica toda uma análise das "manhas populares", dos oprimidos, que nunca introjectam a ideologia dominante totalmente, como muita gente-pensa, anti-dialécticamente, que tudo que vem das massas populares é pura reprodução da ideologia dominante, quando não é, a própria ideologia dominante, quando não é, a própria ideologia dominante - ou certos valores dominantes são apropriados pelas massas populares tal qual se faz. O capitalismo é sobretudo um regime, um sistema de apropriação e as massas populares também se apropriam, às vezes, de valores culturais dominantes e refazem os valores, reinventam esses valores.

Eu acho que, ou a gente aprende a aprender como se faz isso, e a gente só aprende isso na medida em que a gente convive, comunga, com as massas populares e não apenas na medida em que a gente fala-delas como conceitos, como análises de textos, eu acho que aí não dá! Tem que estar com as massas.

PLENÁRIO : - Gostaria de saber qual é a maneira mais lógica de se estabelecer uma educação socialista, num país que é dominado pela ideologia imperialista americana.

PAULO FREIRE: - Não há essa receita. Teve um cara barbuão, com a barba maior que a tua e a minha, e com uma contribuição ao mundo - que nem tu nem eu, tu pelo menos não deste ainda, e eu, tu pelo menos não deste ainda, e eu não vou dar mais, que disse uma vez uma coisa - mais ou menos assim: "a história não é nenhum poder, nenhuma entidade poderosa que paire sobre os homens, (e simplesmente diria e as mulheres também), e que os faça à sua maneira. Pelo contrário, em lugar de ser este poder supra, a história é feita pelos homens, e eu acrescentaria, com todo o respeito, as mulheres, que ao fazer a história são feitos pela história". Eu não sei se vocês conhecem aqui, no Rio-Grande do Sul, uma coisa que se usava no Nordeste, que se usa ainda hoje, or lá que é de tirar manga verde, banana verde, de botar dentro de um caixão, meter carbureto, e depois de um certo período, se tira a manga e ela está toda corada, com a pinta de madura. Eu sempre digo o seguinte: se é possível fazer a aparência de uma manga mudar com carbureto, não é possível a história com carbureto, quer dizer, história se faz mesmo ou não se faz, e não se faz na cabeça da gente; se faz lutando, brigando sabendo lutar, aprendendo a lutar, aprendendo a encontrar o momento exato da luta.

Então, o fato de a gente ter um imperialismo grandão, desse tamanho aí, de defronte da gente, não é suficiente porque ele é maior -

ainda na Nicarágua do que aqui e o povo do que aqui e o povo - nicaraguense se independenciou, é possível que até se acabe aqui lo, porque, porque eles já invadiram Granada que eu conheci de perto, a lindeza daquela revolução, onde eu estive também, imediatamente à vitória da revolução, eu fui convidado, e estive lá duas vezes e conversei com o Comandante várias horas. Nicarágua também eu - conheço, conheço de ir, não de ler, porque trabalharam com algumas das minhas idéias. Agora, o momento histórico brasileiro não é o da Nicarágua, nem o tamanho do Brasil, isto aqui é um Continente. Eu acho que a gente não pode fazer a transformação radical dessa sociedade por decreto, o que já deixava de ser, isso era golpe de estado: revolução mesmo, a gente tem que ir vivendo os momentos - viáveis, isso tem que ver com uma coisa que eu sempre digo, e não - faz mal repetir, em história se faz o que se pode, não o que se - gostaria de fazer. A questão que se coloca aí, é saber quem define o que se pode: a prática define isso, levando chapoletada que - você delimita o espaço, estabelece o espaço viável. Por outro lado, se em história se faz o que se pode e não o que se gostaria de - fazer, significa que a melhor maneira de fazer amanhã o que hoje - não pôde ser feito, é fazer hoje o que hoje pode ser feito. É fazendo o que posso fazer agora que me preparo e a história também, - para fazer amanhã o que hoje não é possível fazer. Isso coloca a questão do espaço, do limite, e a questão de limite, coloca outra - questão em face dele, que é o medo, a vaidade, a intolerância o sectarismo, todas essas não - virtudes entram nisso. O que acontece é que, muitas vezes, a gente fica aquém do limite ou a gente fica - além do limite: se a gente ultrapassa o limite, o porrete chega, se a gente fica aquém do limite o poder preenche o espaço que você - permitiu a ele fora da briga, e você vai para mais atrás ainda. Não recuar demasiado na luta é absolutamente fundamental para poder fazer um dia essa sociedade com a qual você sonha e nós sonhamos.

PLENÁRIO: - Como conciliarias teu posicionamento religioso com a tua posição anti-sectária?

Opinião sobre o fato de que no teu conceito de verdadeira revolução há espaço para negociação no poder, e se há um momento em que não negociar o poder é uma atitude ingênua, politicamente.

PAULO FREIRE: - De qualquer maneira lê o livro "Porque Democracia" Ele encara a segunda questão muito bem. Estou dizendo que ele leia

o livro, não importa as críticas que se façam a ele. Precisa ler.

Com relação ao primeiro momento, eu gostaria de dizer a vocês que eu nunca, por exemplo, em primeiro lugar eu não me acho muito religioso, vou tentar explicar isso, eu me acho mais e agora até peço despulpas porque o que vou dizer pode parecer muito arrogante da minha parte, e eu não gostaria de dar a impressão de ser arrogante, que é um troço que eu acho horrível. O que eu queria dizer é que eu me sinto muito mais um homem a procura de guardar a fé do que um homem religioso. Medita depois sobre a diferença sutil entre uma coisa e outra. Eu vivo cuidando, com certo carinho da minha fé, o que eu digo, e nesse sentido, por exemplo, eu tenho excelentes conversas com amigos, inclusive cubanos, revolucionários, nicaraguenses, não cristãos. Se você me pergunta, como eu concilio essa fé num transcendente com a tua preocupação profundamente histórica de transformar o inerente, não é uma contradição? Eu teria, não, não é. A única coisa que poderia receber uma espécie de retificação seria a seguinte: no momento em que eu creio no Cristo não apenas como gente como eu, eu estou admitindo um apriori da história evidentemente, que Marx, se fosse vivo, conversando comigo, talvez rindo, talvez zangado, me dissesse, mas isso é uma doidice, uma loucura! eu diria, então deixa comigo o direito de ser doido.

Eu tenho ou não tenho o direito de ser contraditório se a minha contradição não trabalhar contra os interesses das massas populares? Eu acho que tenho, o que não posso fazer é em nome da transformação do nosso país, o usar a minha fé para sustentar - Maluf, é usar minha fé para sustentar a burguesia nesse país, - nesse poder, nem em canto nenhum, e isso ninguém nesse país prova que eu tenho feito.

Segundo a minha compreensão, agora teológica, da relação mundo-transcendência. Não é uma compreensão anti-nômica; em outras palavras, para mim é impossível compreender a transcendência sem a mudanidade. Para mim é impossível alcançar a meta histórica sem passar pela história, sem atravessar a história.

E o problema é saber como é que eu atravesso a história, - em favor de quem e em favor de quê. Pois, eu quero fazer essa travessia até chegar lá lutando pela transformação da sociedade, para implantar um sistema socialista neste país, mas em que eu tenho o direito de continuar dizendo que acredito na transcendência, essa é a minha posição. Eu acho que tem contradição muito grande aí não e fora disso, acho que não tem muito mais. A não ser a nível de certas posições extremamente pouco democráticas

ticas, de alguns revolucionários, mas se tu me perguntas, se eu acho que é a consciência que é a subjetividade, a que cria a materialidade e cria a objetividade eu te digo não, de jeito nenhum!, a objetividade gera a subjetividade, mas acontece que a subjetividade não é puro reflexo da objetividade, daí que a relação entre ambas não seja uma relação mecânica mas dialética, contraditória, dinâmica, processual, de tal maneira que a consciência ou a subjetividade, enquanto condicionada, se volta reflexivamente sobre o condicionante e reconhece o seu condicionamento.

Para mim, é por isso que há possibilidade de briga, que há luta pela transformação, eu não posso aceitar, por exemplo, eu acho que política tem que ver com negociação. Às vezes o problema é saber o seguinte, eu vou te dar um exemplo, histórico que não é brasileiro mas que é histórico, recente: quando Mao-Tsé-Tung comandava a sua grande avalanche na China, os japoneses, o imperialismo japonês invadiu a China, naquela momento o inimigo principal se transformou no japonês, e Chiang-Kai-Check e Mao Tsé Tung tiraram retrato juntos e juntaram os seus dois exércitos, fizeram um pacto; naquele momento puseram entre parêntesis a contradição antagônica entre os dois sem ter modificado a natureza do antagonismo entre os dois, puseram o antagonismo entre parêntesis, derrotaram o inimigo e quando os japoneses foram expulsos tiraram o antagonismo do parêntesis, meteram o porrete um no outro e Chiang-Kai-Check se acabou.

Política também é isso, porque isso é história. E não há porque não fazer.

Meus amigos e minhas amigas, não gostaria de sair daqui sem deixar muito vivo, de um lado, o meu agradecimento por me terem chamado e trazido até aqui, do outro, sem deixar de, uma vez mais, insistir nas desculpas que eu apresento por haver diminuído o meu tempo com vocês mas entre não vir e vir diminuindo, eu preferi vir diminuindo.

Finalmente, gostaria de deixar umas palavras bem jovens, apesar dos meus 63 anos, bem jovens, aos jovens que estão aqui, estudantes, e aos jovens e às jovens professoras também, a minha palavra de esperança em que a gente, transformando o hoje da gente, a gente cria um amanhã menos ruim do que este de hoje.

A minha esperança em que a emoção de vocês não se acabe, não fique adstrita aos dias de um Encontro maravilhoso como este, mas pelo contrário, essa emoção acompanhe vocês na briga necessária de vocês, na briga do estudante por melhores condições de trabalho-

enquanto estudante, do professor, da professora, pela reivindicação de seu salário menos injusto, mas a briga também para poder ser ou ter o direito de ser melhor educadora neste país.

Um grande abraço e fraterno abraço a todos e todas.